

NINHO VAZIO: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E SUBJETIVA

Beatrice Gomes do Valle Tesch¹; Débora Medeiros de Souza¹; Marília Oliveira Signor¹, Isabele Santos Eleotério²

- 1- Acadêmicas do curso de Psicologia da Faculdade Brasileira Multivix – Vitória
- 2- Doutora em Psicologia – Professora da Faculdade Brasileira Multivix – Vitória

RESUMO

A presente obra é um trabalho de conclusão de curso, e tem o objetivo de entender, a partir de uma concepção psicanalítica, como a síndrome do ninho vazio afeta mulheres, já que no processo em que os filhos saem de casa, acontece de a mãe também perder sua principal função, que é de cuidadora e responsável pelo bem-estar, felicidade, saúde e educação das crianças. A metodologia constituiu-se de uma pesquisa de ordem qualitativa, exploratória e narrativa. Foram incluídos artigos sem filtragem de tempo, somente com descritores como maternidade, ninho vazio, psicanálise, real, falta e feminino. A partir das informações colhidas, foi possível analisar o motivo de o papel de mãe ser esperado das mulheres, como essa obrigação é perpassada por elas, e os impactos quando essa função chega ao fim.

Palavras-chave: Síndrome do ninho vazio; mulheres; período pós parentalidade; mudanças familiares; relações familiares.

1. INTRODUÇÃO

Pode-se compreender o que foi ensinado desde a infância como sendo um ciclo de vida, enquanto aquele tempo que é constituído por algumas fases. Essas fases são compostas por períodos que condizem com o nascimento, o crescimento, o tempo de preparo para a maturidade, a maturidade em si, a procriação, e o período chamado de declínio, que ocorre quando existe a necessidade de uma renovação. No período chamado declínio, as perdas são

ênfatisadas e implicam os processos biológicos. (SARTORI; ZILBERMAN, 2009).

Nesses processos, além dos aspectos concernentes às transições físicas, existem aqueles que integram mudanças familiares e em consequência, psíquicas. Nestes aspectos entram o que se nomeou como ninho vazio, que em algumas culturas está associado às perdas das funções parentais com a saída dos filhos da casa de seus pais (SARTORI; ZILBERMAN, 2009).

Com o objetivo primordial de esclarecer acerca da terminologia e da temática que tange à expressão ninho vazio, este artigo trouxe à baila algumas das problemáticas que estão ali implicadas, que podem não estar sendo lidas e relacionadas com a clareza, ou, com o discernimento com que deveriam. Segundo Silva (2005), existe ao longo de um contexto historicamente reconhecido, uma maneira de condicionar a existência da mulher diante das funções que ela desempenha na sociedade e na vida privada. Essa condição que chega de forma externa e impositiva não deixa margens a considerar sua singularidade, esta que é própria não apenas da mulher, mas de todo ser humano (SILVA, 2005).

Diante da leitura de alguns artigos que trabalharam a bom termo a temática da mulher e do desenvolvimento histórico de seu papel na sociedade, podendo destacar Silva (2005), Sartori e Zilberman (2009), Boris (2007) e, Coelho e Baptista (2009), tem-se a ressaltar que, durante séculos, essa mulher, teve sua imagem vista, aceita e tratada com todas as prerrogativas com que eram acolhidas as escravas. Nos mesmos termos de uma escrava, à mulher, cabiam condições de trabalho subservientes, e, posteriormente, a reprodução, amamentação e criação dos filhos, nada além disso. A palavra liberdade relacionada à mulher era extinta de qualquer dicionário, sendo atribuída apenas, e, de forma ilimitada, quase sem restrições, aos homens (COELHO E BAPTISTA, 2009).

Segundo Coelho e Baptista (2009), a ausência de uma liberdade de escolha é algo que coloca as mulheres em condição de invisibilidade, de um apagamento social. Sequer existiam civilmente, com sua documentação pessoal e, a partir desta, com a possibilidade de exercer sua cidadania, seu pacto civilizatório e

digno de uma vivência acolhida em seus moldes participativos, particulares e subjetivos.

Aristóteles, filósofo grego, fundador da escola peripatética e do Liceu, durante o período clássico na Grécia antiga, além de ter sido aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande, disserta a respeito da submissão das mulheres aos homens, atribuindo-a, principalmente, à superioridade confiada e delegada exclusivamente ao homem, junto dos papéis a ele atribuídos. Diante das vontades de um casal, conduzindo os desejos advindos desta relação, bem como, nas relações sociais afeitas, a autoridade estava nas mãos do homem (KLAPISCH-ZUBER, 1990).

Alves (2018) observa nos pormenores relevantes de um contexto histórico, que algumas mudanças são passíveis de consideração. Para mencionar algumas, o surgimento da pílula anticoncepcional, a revolução francesa e o direito de voto, foram acontecimentos que trouxeram os impactos que tiveram efeitos estruturais na sociedade, especialmente no que se concerne à mulher (ALVES, 2018).

Porém, o que estava dado historicamente, vai atravessando gerações de famílias e de mulheres, que vão com os recursos de que dispõem, transmitindo o que puderem acolher enquanto um saber fazer com o “ser mulher” às gerações seguintes, quase como um processo de reprodução, sem grandes questionamentos ou responsabilizações a esse respeito (ALVES, 2018).

Essa “reprodução” do mesmo, sem implicações, traduz a ausência de recursos para acolher, aquilo que o psiquiatra e psicanalista Jacques Lacan, nomeou como real. Real que vem dar um nome ao que é inominável, inenarrável e inapreensível (LACAN, 1972) e cita: “Esse real de que estou falando, o discurso analítico é a conta certa para nos lembrar que o acesso a ele é o simbólico. Não acessamos o referido real senão no e através do impossível que somente o simbólico define.” (LACAN, 2012, p. 136).

O real perpassa gerações, sendo muito precisamente aquilo com que se terá que se haver, a partir daquilo que, sem simbolização, aparece como sintomatologia a ser decifrada, muitas vezes, surgindo de formas mais agravadas. Chegamos aos impactos daquilo que a expressão ninho vazio tem

como efeitos, somados e atribuídos à uma síndrome que leva esse nome (LACAN, 1972).

A pretensão desta elaboração, foi ainda, trazer à tona o que é que os sintomas a que mulheres são acometidas com a saída de seus filhos adultos de casa estão dizendo a respeito de algo, que, transmitido como marca geracional e sem questionamentos, ficou sem uma tradução, sem um deciframento particular. Esse deciframento, àquelas que têm oportunidade de fazê-lo, na maior parte das vezes, vai acontecer a partir de uma sintomatologia já instalada, de tristeza, agonia, ansiedade e até, de depressão. Todos esses sintomas, se não tratados de forma ética e delicada, podem tender a agravarem-se (LACAN, 1972).

A fim de dar um contorno teórico a esta elaboração, a linha escolhida foi a psicanálise, na autoria do psiquiatra e psicanalista Jacques Lacan, que faz uma releitura da obra de Sigmund Freud, avançando a partir dele. O viés tomado como caminho a dissertar, a partir dessa linha teórica, foi o das implicações do sujeito diante da falta do objeto que o faz se deparar com o Real. Na definição de Lacan, Real é "o que retorna sempre ao mesmo lugar" (LACAN, 1988), saindo da condição de puro excluído e exigindo que se pense sua articulação juntamente à ordem simbólica. Da mesma forma, Lacan define objeto, como:

Essa Coisa, da qual todas as formas criadas pelo homem são do registro da sublimação, será sempre representada por um vazio, precisamente pelo fato de ela não poder ser representada por outra coisa, ou, mais exatamente, de ela não poder ser representada senão por outra coisa (LACAN, 1991 p.162).

O sujeito assim, precisa aprender a lidar com a falta do objeto, essa Coisa que está desde sempre e para sempre perdida, podendo haver-se com o Real que desta perda advém, para sustentar-se de forma um pouco mais confortável diante das outras perdas, das ausências com que ele se deparará ao longo de seu ciclo e trajetória de vida (LACAN, 1988).

2. METODOLOGIA

O presente trabalho teve como base a pesquisa de ordem qualitativa, exploratória e narrativa. A pesquisa qualitativa envolve uma abordagem

interpretativa do mundo, sendo uma pesquisa na qual os seus pesquisadores, segundo Denzin e Lincoln (2006) tentam entender os fenômenos experienciados, em termos dos significados que as pessoas lhes conferem. Nesta mesma linha de raciocínio, temos Vieira e Zouain (2005) que afirmam a importância dos depoimentos dos protagonistas sociais ali envolvidos nos discursos e em seus significados. Assim sendo, é um tipo de pesquisa que zelará pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos ali implicados e cujos principais instrumentos serão predominantemente descritivos. Na pesquisa qualitativa existe um interesse do pesquisador em estudar determinado problema, verificando como este se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.

Seguiremos com alguns apontamentos a respeito do conceito de pesquisa narrativa. Existem diversas maneiras de se abordar e contextualizar a pesquisa narrativa. Por exemplo, Clandinin e Connely (2000) a tratam como um processo colaborativo que acontece entre o pesquisador e o pesquisado como uma forma de entender a experiência. O método mais comumente utilizado nesta pesquisa é a coleta de histórias sobre determinada temática na qual o pesquisador encontrará informações para entender determinado fenômeno.

Para se chegar à pesquisa narrativa que norteou este projeto, foram selecionados preferencialmente, artigos científicos, utilizando-se as bases de dados digitais do Google acadêmico, SciELO – ScientificElectronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica On-line) e PePsic (Periódicos eletrônicos de psicologia), através dos seguintes descritores: ninho vazio; psicanálise; maternidade; feminino; real; falta. As pesquisas foram realizadas sem filtragem de tempo, apenas utilizando-se os descritores.

3. DADOS CONCEITUAIS A RESPEITO DA TERMINOLOGIA NINHO VAZIO

De acordo com Thapa et al. (2018), uma casa onde os moradores são adultos e em que os filhos saíram de casa, passa a ser referida como ninho vazio. Alguns estudos também atribuem esta nomenclatura às casas onde existem adultos que

nunca tiveram filhos. Existe também um termo mais neutro e pouco utilizado nas bibliografias, chamado de período pós-parental (BORLAND, 1982).

Estes adultos, em sua maioria, mais velhos e experimentando a situação de ninho vazio, seja porque estão vivendo sozinhos ou somente com o parceiro, também trazem uma tendência a experienciar ansiedade, depressão, culpa e solidão, a chamada síndrome do “ninho vazio” (CHAUKKAR, 2009; MOUNT; MOAS, 2015).

Relvas (1996) define “a família com filhos adultos” como a fase do ciclo vital da família, em que esses adultos deixam a casa de seus pais. Segundo ela, o conceito de ninho vazio teve sua origem em meados dos anos 30, como algo que não é consensual, mas que diz respeito a um momento depressivo para a família, se fazendo necessário uma reformulação no cotidiano.

Atualmente, a expressão ninho vazio é mencionada na literatura conforme duas tendências, uma negativa, que está ligada à uma condição depressiva, e a outra positiva, ligada à possibilidade de recuperação da vida como casal (RELVAS, 1996).

Thapa et al. (2018) traz à luz uma expressão também usada para se referir aos pais que tiveram os seus filhos saindo de casa, e passaram a ser considerados “deixados para trás”. Adultos que nunca tiveram filhos, mas, que residem sozinhos ou apenas com o cônjuge, podem ser vistos como experimentando o ninho vazio, porém, não como “deixados para trás”.

Segundo Raup e Myers (1989), pelo fato de a maternidade ser um importante papel na vida da maioria das mulheres, o ninho vazio é um momento de transição em suas vidas, modificando-as para uma rotina em que esses filhos não estarão próximos. A síndrome do ninho vazio não vai afetar a todas as mulheres de forma igual, mas pode se associar também ao período de transformação que acontece com a menopausa.

A diversidade de termos usados para definir o período pós-parental causa prejuízos na identificação específica de sintomas e tratamentos para essa transição vivida pelas mulheres (RAUP; MYERS, 1989).

Borland (1982) também traz a definição de síndrome do ninho vazio, apontando-a como uma resposta mal adaptativa à transição pós-parental. Especialmente as mulheres, que historicamente dedicaram mais de suas vidas às crianças, tendem a sentir um vazio, uma aflição em ter horas vagas, que antes eram dedicadas à criação dos filhos, podendo vivenciar um sentimento de luto, mesmo com o jovem ainda vivo, e até mesmo disforia, tristeza e crise de ansiedade (BORLAND, 1982).

Oliver (1977) menciona a expressão conflito pós maternidade ao se referir ao ninho vazio. Ela utiliza a terapia racional emotiva em seis mulheres, e chega à conclusão de que a maior questão não é o ninho vazio em si, mas o vazio existencial proveniente a partir dele, nas mulheres. Segundo Navas e José (1981), a terapia racional emotiva se constitui em o profissional de psicologia ajudar o paciente a identificar quais são seus pensamentos ilógicos, analisá-los de forma racional, e dessa forma, dar início ao processo de reestruturação cognitiva.

Conforme investigado por Thapa et al. (2018), idosos que vivem apenas com parceiros ou sozinhos, sem a presença dos filhos, são considerados em situação de ninho vazio. A expressão exclui pessoas que moram com outros familiares, ou que já não possuam os filhos vivos.

Segundo Harkin (1978), a síndrome do ninho vazio pode ser considerada um momento de transição, e não uma condição duradoura. Foram realizadas entrevistas com 203 mulheres, das quais os filhos iriam eventualmente se mudar, e com outras 115 mulheres, das quais os filhos já haviam saído de casa. Essa pesquisa constatou que os efeitos do ninho vazio já eram leves após dois anos da saída dos filhos de casa.

De acordo com Oliver (1977), o conflito pós-maternidade pode ser observado nos ciclos sociais das mulheres, pois não importando a área de competência, a maternidade é algo que muito influencia na autoestima da mulher. A transição da criança para a fase adulta acaba por gerar o fim da maior função da mãe, como uma forçada aposentadoria, e essa perda de poder repentina cria sentimentos de desamparo e de desesperança, portanto, a mãe intensamente

compromissada com o cuidado dos filhos, tende a encontrar dificuldades neste período de separação (OLIVER, 1977).

Dados levantados entre 1963 e 1973, comparando mulheres com os filhos ainda morando em casa, e mulheres em que os filhos já saíram de casa, constataram, a partir da análise de Glenn (1975), que, as mulheres em situação de ninho vazio conseguiriam encontrar felicidade ao longo da vida, em contraponto às mulheres que residiam com os filhos.

Ao serem analisados estudos dos países como Austrália, Finlândia, Alemanha, Israel, Japão, Holanda, Espanha, Reino Unido e Estados Unidos, Wenger et al. (2007), e, considerando algumas de suas diferenças culturais, familiares e econômicas, verificou-se que, os idosos com filhos que haviam saído de casa, se sentiam mais livres para se dedicarem as suas amizades, a sua vida social, assim como as atividades e os interesses que foram anteriormente abandonados em prol da criação das crianças.

4. A VIVÊNCIA DO NINHO VAZIO NO CONTEXTO FEMININO

Ao longo do que nos mostra a história, a mulher não aparece ocupando somente uma posição no contexto social, ou constituindo-se a partir de um único modelo de estrutura familiar, especialmente, àquela concebida após a revolução industrial. Houve um tempo cronológico neste cenário histórico, em que a mulher sequer amamentava os filhos, outras, ainda neste tempo, cumpriam somente esta função. Foi na segunda metade do século XIX, quando houve a substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado que então as chamadas amas-de-leite, que eram geralmente mulheres livres pobres, brancas ou negras, recebiam para somente amamentar os bebês, enquanto suas mães, por exemplo, desempenhavam outras funções (KOUTSOUKOS, 2009).

O modelo da mãe disponível, que organiza a vida em função dos filhos, é o parâmetro socialmente aceito para o exercício da maternidade¹⁹. Corresponde a um discurso que desconsidera as construções identitárias, a classe social, a espacialização e territorialidade e expõe mulheres a um tribunal coletivo, regulado por valores capitalistas e do colonialismo presente e forjado no racismo, na misoginia e no machismo (JORGE, et al., 2022, p. 518).

Tendo como base inicial de discussão o patriarcado e suas origens, é possível construir um caminho de análise histórica da mulher nesse contexto maternal. Nele, é o patriarcado que predomina, como ainda acontece nos dias de hoje (BORIS; CESIDIO, 2007) de maneira clara, para fundamentar o ninho vazio como propiciador de sofrimento psíquico. É preciso reiterar que, este sofrimento não vai necessariamente presentificar-se no campo subjetivo de todas as mulheres, mas, que ele pode surgir através das forças externas que incisivamente são impostas a essas, aparecendo enquanto culpa, ou, os seus afins.

Cabe aqui ressaltar as possíveis considerações a respeito do surgimento do patriarcado, tema que não será aprofundado no presente trabalho, mas que apresenta pontos relevantes para uma maior compreensão desse estudo. Uma das considerações interessantes sobre o patriarcado é o que Aguiar (2010) traz em seu artigo sobre patriarcado, sociedade e patrimonialismo:

(...) a tese da criação do patriarcado pelo sistema capitalista é uma visão que torna obscura as análises desenvolvidas no Brasil sobre a emergência de um patriarcalismo agrário e escravista. As formas de dominação patriarcal, no entanto, se alteram no decorrer da história aponta Walby (1990). Cabe, portanto, analisar como o patriarcado agrário e escravista se transforma, resultando em novas formas de dominação patriarcal ante a presença de um capitalismo privado, em sua forma econômica clássica, sob a dominância estatal (AGUIAR, 2010, p. 323).

A forma como a mulher lida e se relaciona com o seu ninho, atualmente, é resultado de uma cronologia histórica construída, desconstruída, reconstruída e, pode-se dizer, até mesmo remendada, ao longo dos anos. Cronologia que é marcada por episódios de violências, preconceitos, exclusões, injustiças, e que, simultaneamente, como citam Boris e Cesidio (2007), consideram a forte influência das opiniões masculinas no que diz respeito às mulheres.

A pílula anticoncepcional, produto de mercado desde meados de 1962 (PEREIRA, 2016), marca o ensaio de um novo tempo para as mulheres. Nesse tempo, acontece a possibilidade de escolha sobre os seus corpos, e começam a surgir as possibilidades de sua maior participação no mundo industrial e nas discussões que dizem respeito ao mesmo, chegando ao nível político de discussões.

No contexto histórico da ditadura militar, precisamente, entre os anos de 1960 e 1970, a pílula anticoncepcional recebeu um maior enfoque. Neste momento, porém, a saúde não era garantida a todos. Considerada um privilégio por meio das indústrias privadas, médicas e farmacêuticas, chegando apenas àquelas mulheres que podiam, as pílulas ganham espaço no mercado farmacêutico por consequência dos altos índices de mortalidade de mães, crianças, bem como, altos índices de fecundidade da época (DIAS, et al., 2018).

A aliança entre mulheres e médicos pode ser vista como uma “afinidade eletiva”, pois os médicos divulgaram os seus ideais e um estrato representativo e privilegiado das mulheres adquiriu conhecimento e instrumentalizou-se em relação à cidadania e à educação. Devido à sua posição social, essas mulheres serviram de modelo de mãe e cidadã e contribuíram para a introjeção de novas normas relacionadas ao cuidado com a família (PEREIRA, 2016, p. 17).

Sobre respectivos privilégios, Dias, et. al., (2018) ressaltam: “(...) o marco político-ideológico liberal-conservador parece ter se entranhado na cultura material das instituições e dos serviços de saúde reprodutiva, impondo aos sujeitos uma obrigação moral e cívica de não terem filhos ‘que não possam criar’. Essas formulações, que chegaram até os dias atuais, são permeadas por vieses de classe, de gênero e étnico-raciais: Em primeiro lugar, é às mulheres que se exige responsabilidade sobre a regulação da prole; Em segundo lugar, é às mulheres pobres e negras que se dirigem os discursos da responsabilidade de não ter muitos filhos, de não “sobrecarregar” o Estado e a sociedade, de serem capazes de alimentar, educar e prover cuidados à prole. Como nota **Sanabria (2010)**, enquanto para as classes médias e altas a saúde reprodutiva é ligada a noções de autonomia e escolha individual e a provisão de bens e serviços de saúde se dá via mercado, para as camadas populares há o apelo e a exigência do cumprimento da “boa cidadania”: os termos “direito” e “responsabilidade” são fundidos nos discursos sobre “planejamento familiar”, e uma “procriação responsável” é o que se exige como contrapartida para a oferta dos serviços públicos de saúde reprodutiva (SANABRIA, 2010).

As mulheres, vítimas de padronizações comportamentais e impositivas, que, implicitamente, associam-se aos cuidados consigo, com o lar e aos recatamentos (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2016), lutam por um lugar, onde o reconhecimento de si, aconteça de forma justa e igualitária dentro da sociedade em que vivem. Suas demandas, se pode dizer, são resultantes de uma angústia

biopsicossocial, que, as acometem sintomaticamente, denunciando o que há de insuportável no ambiente desigual experienciado por elas. Esse ambiente, quando atrelado à conjuntura masculina e associado às funções paternas, mesmo considerando as diferenças culturais, sociais, econômicas e familiares, tem uma resposta do social bastante diversa daquela que recebem as mulheres ocupando as mesmas funções. Como se fosse possível, ao homem, considerar algo da própria singularidade, e do seu desejo, que, às mulheres, parece não ser possível (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2016).

Esse pequeno percurso na história, é o bastante para que em um nível crítico, se possa perceber os efeitos nocivos que estão implicados especialmente à figura das mulheres em suas escolhas. Estas, que, na maioria das vezes, por impossibilidades, desconhecimento, alienação, desinformação e falta de instrução, submetem-se aos imperativos superegóicos e sociais, passando não a ter uma vida regida por suas próprias escolhas, mas, uma vida socialmente aceita e acolhida pelo senso comum, porém insatisfatória, e que passa a acometê-las com sintomatologias sérias (LIGEIRO, 2010).

Assim sendo, faz-se necessário insistir com tudo aquilo que tira a mulher de um estado subjugado de existência, implicando-a com os seus desejos mais íntimos (LIGEIRO, 2010). Apenas desta maneira, não apenas elas, mas as próximas gerações de mulheres, serão beneficiadas. A luta é grande, mas a resistência precisa ser maior, fazendo nascer de geração em geração, novas mulheres, consistidas subjetivamente, e transformadas por suas próprias histórias vividas, ouvidas, assistidas e contadas.

5. NINHO VAZIO A PARTIR DE UMA CONCEPÇÃO PSICANALÍTICA

Compreendemos até aqui que, a dificuldade em lidar com a saída dos filhos de casa, e, conseqüentemente com o que foi nomeado com a expressão ninho vazio, passa por uma dificuldade de lidar com o vazio inerente ao ser humano. De acordo com a concepção psicanalítica, aquela que escolhemos para nortear este trabalho e que traz a teoria de Jacques Lacan, essa dificuldade de lidar com o vazio, toca naquilo que a teoria traduz como a relação com a “falta do objeto” (LACAN, 1957).

Segundo Lacan (1957), existe uma complexidade diversa e solidária de marcações que vão se dando em um tempo lógico da constituição de todo sujeito. Lacan (1957) dividiu o tempo lógico desta constituição, como se dando primeiramente com o tempo chamado como de privação, seguindo com o tempo de frustração, e chegando ao tempo em que a castração pode ser apreendida. Apesar de uma partilha no tempo, o sujeito vivencia as suas experiências constitutivas, de forma concomitante.

Este artigo tentou esclarecer uma pequena parte dessa lógica, a saber, os efeitos do primeiro tempo, nomeado por Lacan como de privação, para que a castração, terceiro tempo lógico do sujeito, possa ser apreendida (LACAN,1957).

Nesse primeiro tempo, o de privação, podemos pensar a mãe intervindo junto ao bebê, à nível da falta, a fim de que ele suporte, em um segundo tempo constitutivo, a frustração do objeto real, que é a própria mãe. É com a ausência da mãe que o bebê precisará lidar. Esse primeiro tempo é essencial no sentido de ser uma primeira aragem deste solo-pele, concedendo recursos ao bebê para a lide com a falta, o vazio. É neste primeiro tempo, que precisam ser transmitidos ao bebê, elementos simbólicos, ou seja, investimento através do olhar, da voz, do toque, advindos das possibilidades do agente materno. O agente materno ofertará aquilo que tem possibilidades e que outrora também lhe fora ofertado. Essas possibilidades da mãe na oferta de investimentos para o bebê, propiciarão para ele, a convocação de uma representação para o seu vazio, a sua falta de objeto, da mãe (LACAN,1957).

Pensando em uma dinâmica que permita o estabelecimento de recursos facilitadores deste ensejo, faz-se fundamental a maneira pela qual será abordada a intervenção ou a intenção materna, e como o bebê responderá a ela. Nessa intenção estarão implicadas uma série de variáveis, ali, se dando de forma concomitante entre a mãe e o bebê (LACAN,1957).

Nessa dinâmica entre mãe e bebê, um acúmulo de energia endógena, junto à impossibilidade de execução da ação específica, tem como resultado a alucinação do seio e a descarga na forma de grito ou de choro. Se for possível o reconhecimento deste apelo, em consequência, será possível o estabelecimento de uma função secundária de comunicação com este outro, a

partir de uma validação que adquirirá um status de "marca de valor" (LACAN, 1957).

É essa função secundária que permitirá o sucesso da ação específica pela modificação da realidade por meio de um outro. Assim, o desamparo inicial do ser humano e sua suplantação pela comunicação com outrem é o fundamento da ética (FREUD, 1895, p. 32).

Estabelecida uma relação de comunicação passível de representação, quando houver um retorno da demanda de necessidade por variáveis diversas, endógenas ou não, será a partir das marcas inscritas na psique, que o bebê poderá chegar a um apaziguamento de seu desamparo. Este apaziguamento assim, vem produzir uma marca de referência uma vez que se relaciona ao registro de uma experiência e não mais à vivência de uma satisfação propriamente dita. É partindo destas possibilidades de representação simbólica, que Lacan, vem abordar as relações com a falta do objeto, através de três tempos distintos, subsequentes e complementares que têm início com o tempo de privação.

Na privação, a falta está pura e simplesmente no real, limite ou hiânica real. Quando digo que em se tratando de privação, a falta está no real, isso quer dizer que ela não está no sujeito. Para que o sujeito tenha acesso à privação, é preciso que ele conceba o real como podendo ser diferente do que é, isto é, que já o simbolize. A referência à privação, tal como formulada aqui, consiste em situar o simbólico antes (...). A referência à privação, tal como formulada aqui, consiste em situar o simbólico antes (...) (LACAN, 1957, p. 54-55).

Em se tratando deste tempo inicial de constituição subjetiva, Lacan nos convoca a trabalhar a relação do sujeito com a falta do objeto.

Uma nostalgia liga o sujeito ao objeto perdido, através da qual se exerce todo o esforço da busca. Ela marca a redescoberta do signo de uma repetição impossível, já que, precisamente, este não é o mesmo objeto, não poderia sê-lo (LACAN, 1957, p.13).

A partir daí, podemos discorrer sobre algumas das possibilidades de apreensão que satisfaça o sujeito na representação de seu vazio, de sua falta. Apreensão que o capacita a transpor-se da ordem da necessidade, que condiz a condição de sua função primária e perceptiva, para uma outra ordem, secundária, a partir do contato de onde se deu um investimento materno passível de representação. Vale salientar que, para que esta apreensão seja possível, esse outro materno precisa apresentar-se não-todo, ofertando ao bebê sua própria falta, seu próprio vazio. Falta que poderá ser representada enquanto

símbolo de amor, dom, por entre os contornos da voz, do olhar, e da pele, para além do peito e de seu leite. São com os deleites maternos que o bebê se regozija e de que se valem seus registros psíquicos. A operação que se dá nesse momento de transformação do objeto real, a mãe, em objeto de dom, investimentos, é fundamental para a criança. A respeito do dom, cita Lacan, 1957:

O dom se manifesta ao apelo. O apelo se faz escutar quando o objeto não está lá. Quando está lá, o objeto se manifesta essencialmente como sendo apenas signo do dom, isto é, como nada em termos de objeto de satisfação. Ele está lá justamente para ser rejeitado na medida em que é este nada. Este jogo simbólico tem, portanto, um caráter fundamentalmente decepcionante. Aí está a articulação essencial a partir de que a satisfação se situa e assume seu sentido (LACAN, 1957, p. 186).

Segundo Lacan (1957), o apelo se dá enquanto uma introdução engajada à ordem simbólica, à palavra, aos gestos, ao grito, ao esboço um ato que convoque o outro. No tempo de privação, a falta vem incidir de maneira diversa para a criança e para a mãe. A mãe deve se ver privada da criança como representante do objeto de seu desejo, ou seja, como objeto simbólico. Já a criança precisa ver-se privada da mãe, enquanto objeto real da satisfação de sua necessidade. Haveria de se ter um agente privador para ambas, criança e agente materno, que poderia ser o pai, ou um movimento que venha a interferir e a romper com o transitivismo característico e necessário a este tempo de alienação. Para Lacan (1957), este movimento será um provocador da saída deste lugar. Seria como intervir com um desencontro importante entre o movimento que se supõe desejante na mãe e a necessidade da criança, um “fora do tempo”, que poderá ser para ambas, garantidor deste percurso (LACAN, 1957).

Caso não tenha sido possível a este agente materno uma oferta simbólica interessante, este bebê, sem condições de representação que o apazigue, no tempo de frustração, terá esta mãe como objeto real de sua necessidade. Desta maneira, ficará à mãe identificado, ao mesmo tempo em que a elevará à objeto real, inscrito em sua psique com o registro de potência fálica (LACAN, 1957).

Cada vez que há uma frustração de amor, esta é compensada pela satisfação da necessidade. É na medida em que a mãe falta à criança que a chama que esta se agarra ao seu seio, e que este seio se torna mais significativo que tudo. Enquanto o tem na boca e se satisfaz com

ele, por um lado a criança não pode ser separada da mãe, por outro lado isso a deixa alimentada, repousada e satisfeita. A satisfação da necessidade é aqui, a compensação da frustração do amor, e começa a se tornar, ao mesmo tempo, o seu álibi. (...) um objeto real (seio, chupeta) assume sua função como parte do objeto de amor, e a pulsão se dirige ao objeto real como parte do objeto simbólico, este se torna, como objeto real, uma parte do objeto simbólico (LACAN, 1957, p. 178).

No segundo tempo, denominado como de frustração, entre os contratempos que atravessam presença e ausência, pretende-se já ser possível ao bebê contornar o vazio, a falta, com o suporte apreendido e marcado. Para que a frustração possa estabelecer um tempo em que a falta real seja contornável, é necessário que o tempo de privação esteja arado a um ponto em que o agente simbólico possa decair.

O que acontece se o agente simbólico, o termo essencial da relação da criança com o objeto real, a mãe, como tal, não responde mais? Se, ao apelo do sujeito, ela não responde mais? (...) Ela decai. Quando, antes, estava inscrita na estruturação simbólica que a fazia objeto presente-ausente em função do apelo – ela se torna real. (...) Até então, ela existia na estruturação como agente, distinto do objeto real que é o objeto da satisfação da criança. Quando ela não responde mais, quando de certa forma, só responde a seu critério, ela sai da estruturação, e torna-se real, isto é, torna-se uma potência (LACAN, 1957, p. 68-69).

6. CONCLUSÃO

Daquilo que pudemos recolher deste artigo, tem-se, que a expressão ninho vazio, com sua origem em meados dos anos 30, está contextualizada por diversos autores, como a casa onde os moradores são adultos e, em que os filhos de lá saíram, ou, onde existem adultos que nunca tiveram filhos. Essa experiência, do lar vazio, acomete adultos, em sua maioria, com mais idade. Desta maneira, existe uma tendência a considerar que esses adultos, serão acometidos por sintomas como ansiedade, depressão, culpa e solidão. Assim, ninho vazio é uma expressão que também preconiza o adoecimento psíquico desses que a experimentam.

Outra questão aqui elucidada, foi aquela que traz as fases de um ciclo nomeado como vital. Entende-se, esse ciclo, que pode ser considerado dentro de cada família, como constituído por quatro fases: aquisição, adolescência, fase madura e, a última fase. A partir da fase madura, é que, então, tem início, dentro

das famílias determinadas, a experiência do ninho vazio. Experiência, agraciada com as sensações, os efeitos e os sintomas que poderão dela advir. Esse artigo veio trazer, aquilo que nesse contexto, vai acometer especialmente, as mães, as mulheres.

A discussão trazida, no sentido de abarcar um tempo historicamente imprescindível nesse processo, fez reiterar uma experiência, que ainda hoje, presentifica-se no campo subjetivo das mulheres. Cabe ressaltar dessa experiência, a herança viva de um patriarcado, que, com suas mais diversas formas de dominação, inclusive, marcada por episódios de violências, preconceitos, exclusões e injustiças, inseriu-se na sociedade de forma estrutural e conjecturada. Conjectura que permanece, apesar dos avanços que não se pode deixar de considerar. Avanços que foram na direção de desestabilizar a rigidez posta, e de fazer valer à mulher, mãe ou não, o direito particular de escolha. Dentre esses, vale lembrar o importante advento da pílula anticoncepcional e as possibilidades de participação no mundo industrial de trabalho.

O viés teórico apreciado para conceitualizar o tema trabalhado, foi a psicanálise lacaniana, determinada pelos preceitos do psiquiatra e psicanalista Jacques Lacan. Através deste aporte teórico, associa-se a relação do sujeito com a falta, com o seu vazio estrutural, para explicar os fenômenos, os efeitos, e os sintomas, que, desse tempo de constituição, podem advir, e que foram associados e relacionados à expressão ninho vazio, da forma como foi possível levantar e elencar neste presente artigo.

7. REFERÊNCIAS

AGUIAR, N. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Rev. Sol**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 304-330, dez. 2000. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69922000000200006>>. Acesso em: 20 out. 2022.

ALVES, J. E. D. O nascimento da pílula anticoncepcional e a revolução sexual e reprodutiva. **EcoDebate**, Rio de Janeiro, ISSN 2446-9394, 26/11/2018. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2018/11/26/o-nascimento-da>

pilula-anticoncepcional-e-a-revolucao-sexual-e-reprodutiva-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/?cn-reloaded=1>. Acesso em: 15 out. 2022.

ARÁN, M. Lacan e o feminino: algumas considerações críticas. **Natureza humana**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 294-327, 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302003000200001>. Acesso em: 5 jun. 2022.

AUGUSTO, C. A.; et al. Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 51, n. 4, p. 746- 763, 2013. Disponível em: <[https://www.scielo.br/j/resr/a/zYRKvNGKXjbDHtWhqjxMyZQ/?lang=pt#:~:text=Segundo%20Denzin%20e%20Lincoln%20\(2006,as%20pessoas%20a%20eles%20conferem](https://www.scielo.br/j/resr/a/zYRKvNGKXjbDHtWhqjxMyZQ/?lang=pt#:~:text=Segundo%20Denzin%20e%20Lincoln%20(2006,as%20pessoas%20a%20eles%20conferem)>. Acesso em: 5 jun. 2022.

BARBER, C. E. *et al.* **Transition to the empty nest. Aging in the family**, Wisconsin - USA, v. 23, n. 1 p. 15-32, 1989. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/232522690_Transition_to_the_empty_nest#:~:text=The%20lifestyle%20transition%20that%20is,hobbies%20which%20they%20previously%20may>. Acesso em: 9 out. 2022.

<<https://artigocientifico.com.br/metodologia-cientifica/metodologia-artigo-de-revisao/>>. Acesso em: 5 jun. 2022.

BORIS, G. D. J. B.; CESIDIO, M. D. H. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 out. 2022.

BORLAND, D. C. A cohort analysis approach to the empty-nest syndrome among three ethnic groups of women: A theoretical position. **Journal of Marriage and the Family**, Maryland - USA v. 44, p. 117-129, 1982. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/351267>>. Acesso em: 25 out. 2022.

BRODSKY, G. O homem, a mulher e a lógica. **Latusa – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 153-170, 2008.

BRUDE, M. C. R.; BRAUER, J. F. A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: impasses na separação. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 12, n. 3, p. 514-521, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/qxm6x3kxz5f7JnPrzh5X4pz/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 5 jun. 2022.

CAMARNEIRO, A. P. *et al.* Empty nest couples' conjugalities and family interactions: analysis based on the dynamic model of family assessment and intervention. *Millenium: Journal of Education, Technologies, and Health*, Portugal, v. 2, n. 18, p. 21-31, 2022. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/26803>>. Acesso em: 9 out. 2022.

CHAUKKAR, S. Empty-Nest Syndrome. **Homoeopathic Heritage**, Noida - Índia, v. 34, n. 1, p. 25-28, 2009. Disponível em: <<https://www.homeopathy360.com/2017/01/19/empty-nest-syndrome/>>. Acesso em: 2 out. 2022.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: Udufu, 2015.

COELHO, L. M.; BAPTISTA, M. A história da inserção política da mulher no Brasil: uma trajetória do espaço privado ao público. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 85-99, jun. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2009000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 out. 2022.

DENZIN, N. K; LINCOLN, I. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, T. M. *et al.* "Estará nas pílulas anticoncepcionais a solução?" Debate na mídia entre 1960-1970. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 3, p. 1-19, 2018.

DYKSTRA, P. A.; GIERVELD, J. D. J. Gender and Marital-History Differences in Emotional and Social Loneliness among Dutch Older Adults. **Can J Aging**, Cambridge - Inglaterra, v. 23, n. 2, p. 141-155, 2010. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/canadian-journal-on-aging-la-revue-canadienne-du-vieillissement/article/abs/gender-and-maritalhistory-differences->

in-emotional-and-social-loneliness-among-dutch-older-adults/DB2EAEA9923E32939067C1418E214A86#>. Acesso em: 13 out. 2022.

FRANCISCO, A. J. U. **Acontecimentos de vida e vulnerabilidade ao stress em famílias do sul de Angola**. Coimbra - Portugal, Repositório científico da U. C., 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316/26186>>. Acesso em: 27 out. 2022.

FUENTES, M. J. S. **As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16122009-090444/publico/Fuentes_DO.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2022.

GIL, A. C. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 1. São Paulo: Atlas, 2021.

GLENN, N. D. Psychological well-being in the postparental stage: some evidence from national surveys. **J Marriage Fam**, Minnesota - USA, v. 37, n. 1, p. 105-110, 1975. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/351034?origin=crossref>>. Acesso em: 18 out. 2022.

HARKINS, E. B. Effects of empty nest transition on self-report of psychological and physical well-being. **J Marriage Fam**, Minnesota - USA, v. 5, p. 49-56, 1978. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/Effects-of-Empty-Nest-Transition-on-Self-Report-of-Harkins/296d3c66e637fc420d74e75d3239619e1236e42a>>. Acesso em: 20 out. 2022.

JORGE, A. D. O. et al. Das amas de leite às mães órfãs: reflexões sobre o direito à maternidade no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, p. 515-524, 2022.

KLAPISCH-ZUBER, C. As normas do controlo. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Dir.) **História das mulheres: a Idade Média**. São Paulo: Afrontamento, 1990.

KOUTSOUKOS, S. S. M. 'Amas mercenárias': o discurso dos doutores em medicina e os retratos de amas – Brasil, segunda metade do século XIX.

História, Ciências, Saúde – Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, abr.-jun. 2009, p. 305-324.

LACAN, J.: **O Seminário IV**, A relação de objeto. [1956-1957]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, J.: **O Seminário VII**, A ética da psicanálise. [1959-1960]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

LACAN, J.: **Seminário XI**, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (2ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964.

LACAN, J.: **Seminário XIV**, A lógica do fantasma. (3ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966.

LACAN, J.: **O seminário, livro XIX: ...ou pior**. [1971-1972]. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LACAN, J. **O seminário, XX**, RSI. [1974-1975]. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LIGEIRO, V. M. **Viver o amor como o desespero**: a angústia e a mulher. 2010. 99 f. Dissertação (Mestrado em Pesquisa Clínica em Psicanálise) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MARTINS, M. M. **Passo a passo de como fazer revisão da literatura**. Disponível em: <<https://viacarreira.com/como-fazer-revisao-da-literatura/>>. Acesso em: 27 out. 2022.

MEDEIROS, R. H. A. D. Elementos iniciais para uma crítica da formação profissional superior inspirada pelos dispositivos da escola de lacan e a formação do analista. **Revista Ágora**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 277-288, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/5q5jX75ptVrszGxWyXd5qnq/?lang=pt>>. Acesso em: 5 jun. 2022.

MEZAN, R. O tempo, a escuta, o feminino. **Revista brasileira de psicanálise**, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 171-180, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2011000400019>. Acesso em: 5 jun. 2022.

MORAES, G. C. S. D.; JUNIOR, N. E. COELHO. Feminino e psicanálise: um estudo sobre a literatura psicanalítica, *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 4, p. 792-800, dez. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/99B6Q46gMn7PcrrKVStkLtL/?lang=pt>>

MOREIRA, W. Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico: conceitos e estratégias para confecção. **Revista Janus**, Lorena, v. 1, n. 1, p. 21-30, 2004. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/19/o/Revis__o_de_Literatura_e_desenvolvimento_cient__fico.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2022.

MOUNT, S. D.; MOAS, S. Re-Purposing the “Empty Nest”. **J Fam Psychother**, New York - USA, v. 26, n. 3, p. 247-252, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/283199793_Re-Purposing_the_Empty_Nest>. Acesso em: 2 out. 2022.

NASCIMENTO, C. V.; OLIVEIRA, B. J. O Sexo Feminino em campanha pela emancipação da mulher. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 29, p. 429–457, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644835>>. Acesso em: 2 out. 2022.

NAVAS, R.; JOSÉ, J. Terapia racional emotiva. **Revista Latinoamericana de Psicología**, Bogotá, Colombia, v. 13, n. 1, p. 75-83, 1981. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/805/80513105.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2022.

NORONHA, D. P.; FERREIRA, S. M. S. P. Revisões de literatura. In: CAMPELLO, B. S.; CONDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (orgs.) **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

OLIVER, R. The empty nest syndrome as a focus of depression: A cognitive treatment model, based on rational emotive therapy. **Psychotherapy: Theory, Research & Practice**, [s. l.], v. 14, ed. 1, p. 87–94, 1977. Disponível em: <<https://doi.org/10.1037/h0087497>>. Acesso em: 26 out. 2022.

PEREIRA, P. L. N. **Os discursos sobre a pílula anticoncepcional na revista Cláudia no período de 1960 a 1985**. Dissertação (Mestrado em Ciências) -

Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Nacional de Saúde da Mulher da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Rio de Janeiro, 2016. 106p.

RAUP, J. L.; MYERS, J. M. The empty nest syndrome: myth or reality?. **Journal of Counseling and Development**, EUA, v. 68, n. 2, p. 180-183, 1989. Disponível em: <https://libres.uncg.edu/ir/uncg/f/J_Myers_Empty_1989.pdf>. Acesso em: 9 out. 2022.

RELVAS, A. P. **O ciclo vital da família: perspectiva sistêmica**. Porto - Portugal: Afrontamento, 1996.

SADALA, G.; MARTINHO, M. H. A estrutura em psicanálise: uma enunciação desde Freud. **Revista Ágora**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 243-258, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/qLY9WdTMFS8XjCzCk3q5MxQ/?lang=pt>>. Acesso em: 5 jun. 2022.

SANTORO, V. C. **Lacan e a formação do psicanalista**. Belo Horizonte, v. 29, n. 54, p. 115-118, set. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952007000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 4 set. 2022.

SARTORI, A. C. R.; ZILBERMAN, M. L. Revisitando o conceito de síndrome do ninho vazio. **Archives of Clinical Psychiatry**, São Paulo, v. 36, n. 3. p.112-121, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rpc/a/mB5SY5R8bzhQwj33sdBWPm/?lang=pt#>>. Acesso em: 9 out. 2022.

SILVA, A. C. D.; SANTOS, K. A. D. O feminino e a perspectiva lacaniana de superação da lógica fálica, **Reverso**, Belo Horizonte, v. 39, n. 74, p. 39-46, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952017000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 8 out. 2022.

SILVA, G. C. C. D. et al. A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, p. 65-76, dez. 2005.

SOUZA, A. S. D. Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática. **Rev. Adm. Contemp.**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 235-237, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-6552007000200013>>. Acesso em: 9 out. 2022.

THAPA, D. K. *et al.* Migration of adult children and mental health of older parents 'left behind': An integrative review. **Plos One**, [s. l.], v. 13, n. 10, 22 out. 2018. Disponível em: <<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0205665#pone.0205665.ref009>>. Acesso em: 30 set. 2022.

VIEIRA, M.M.F; ZOUAIN, D.M. Pesquisa qualitativa em Administração – Teoria e prática. Marcelo Milano Falcão Vieira e Deborah Moraes Zouain (Orgs.). Ed. FGV, 2005. P. 240 p. ISBN: 8522505306. Acesso em: 2 out. 2022.

WENGER, G. C. *et al.* Social Embeddedness and Late-Life Parenthood. **J Fam Issues**, [s. l.], v. 28, n. 11, p. 1419–1456, 2007. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0192513X07303895>>. Acesso em: 28 out. 2022.